

Este conto pertence ao livro
Persona ou O Corretor de Imóveis

O CORRETOR DE IMÓVEIS

*Pois que te importa saber se fulano é
assim ou assim ou se sicrano procede
e fala deste ou daquele modo? Tu não
és responsável pelos outros, mas de ti
mesmo deves dar conta...*

Tomás de Kempis
(*Imitação de Cristo*)

O bairro era no alto. Via-se quase toda a parte antiga da cidade. Bernardino estava cansado de morar no baixo, queria espaço, ar, ar puro, amplidão, vista e, se possível, um pouco de silêncio. Onde morava, começou a haver muito barulho de automóveis, ônibus e caminhões; antes, não, era tranqüilo, mas foi o prefeito abrir uma rua nova e o trânsito todo da cidade direcionou-se para perto de sua casa. Não podia abrir as janelas que entravam nuvens de poeira e uma espécie de fuligem estava estragando o verniz dos móveis. Já lhe tinham dito que a altura faz bem aos pulmões e ele acreditava no conselho; aliás, dava muita importância à localização das moradias e sempre se interessou pelas motivações da arquitetura. Apreciava o casario colonial donde descobria detalhes curiosos da sabedoria dos antigos que, sem os recursos da tecnologia moderna, tinham, pelo menos, o gosto de fazer construções bonitas. Gostava também de observar a topografia do comportamento humano e inventava teorias despreziosas para o próprio uso; por isso morria de pena das pessoas quando eram vistas de costas, fosse o maior canalha da praça. Experimente, dizia, veja por si mesmo, olhe um cidadão de costas e verá que ele não passa de um pobre coitado, seja lá quem for. Tanto a arrogância como a serenidade são qualidades

frontais. De costas, todos são míseras criaturas dignas de compaixão e é por isso que os protocolos da realeza impunham que os interlocutores do rei deveriam sair da sala do trono, *de facto*, pois se o monarca visse o súdito de costas ele sempre teria pena e tenderia a perdoar até quem gravemente tivesse ofendido a coroa.

Patrocínio era assim: retaco, rosto oval rigorosamente barbeado, quase sem queixo, portava um sorrisinho de deboche numa boquinha de chupa-ovo. Seus olhos estavam sempre vasculhando o ambiente e quando falava nunca encarava o ouvinte, olhava vagamente para o lado e para cima. Seus movimentos e gestos eram timbrados pela marca da subserviência e da bajulação. A camisa aberta de propósito mostrava um grosso cordão de ouro, donde pendia um avantajado crucifixo. Possuía a empáfia e a alegria artificial do falastrão. Abriu a janela da sala e chamou o Dr. Bernardino.

— Aqui, doutor, olhe daqui pro senhor ver que vista espetacular, cuidado que o parapeito está molhado. Se eu morasse aqui, não sairia desta janela. A vizinhança é muito boa, daqui o senhor pode ver tudo. Naquela primeira casa ali em baixo mora a Dona Alteia. Ela já é velhinha, manca duma perna, mora com um sobrinho alcoólatra. Ele dá muito trabalho porque quando bebe fica inconveniente, xinga todo mundo e quebra tudo de dentro de casa. Dizem que já acabou com a louça da velha, aparelho inglês, finíssimo. Agora, eles comem no prato esmaltado e bebem na caneca de alumínio. Ele não era assim não, foi um rapaz bonito, era tenente, fez curso na AMAN e de uma hora pra outra deu pra beber. Dizem que encontrou a namorada com outro, ficou tão apaixonado que se enrascou todo, acabou sendo expulso do exército, e daí pra frente foi só cachaça. Eu acho que é sacanagem expulsar um cara porque ele bebe. O senhor não acha? Alcoolismo é doença, precisa de tratamento, eu já vi a propaganda na televisão. Agora, você

expulsa ele, aí é que ele vai tomar todas. Taí o exemplo. O senhor acredita que o sobrinho da Dona Alteia tem a coragem de pegar o dinheiro da velha, que recebe uma pensãozinha micha do marido, e põe tudo no boteco da esquina? Tem dia que não tem dinheiro nem pra comprar pão. É uma tristeza! Quando ele não tá de fogo, até que ele é boa gente, conversa direitinho, educado mesmo, tem até conhecimento de música; mas isso é coisa rara porque o natural dele é tá sempre no gole. Já tentaram botar ele no AA, mas nem lá deram conta dele e olhe que eu conheço gente que tava ruim e se recuperou beleza. A turma do AA é foda, eles curam mesmo. Só não deram conta do sobrinho da Dona Alteia. Mas toda regra tem exceção, não é mesmo? Dizem que quando ele tava no quartel, já chegava de fogo, logo de manhãzinha; botavam ele na enfermaria e acredita que safado bebia o álcool de dar injeção? Ficava preso uns quinze dias e quando saía, enchia a cara de novo; mais quinze dias. Aguentaram ele um ano assim, depois não teve perdão, foi rua, pé na bunda do relapso. No fundo é um sujeito sem sorte e babaca ao mesmo tempo. Ocê, o senhor não acha? Entregar-se desse jeito por causa duma namorada, pô, tá cheio de mulher por aí. O camarada podia ser hoje um coronel e taí numa merda de fazer gosto, com os dentes estragados. Verde. Ééé! Ele tá verde, e amarelo, deve ser o fígado. O camarada foi expulso do quartel e ainda é patriota, ele tá verde e amarelo, fodido, coitado...

Naquela segunda casa, mora o Rosicler, casado com a Lili Bundinha. Apelido de mocinha, ela tinha uma bundinha empinada e quando ia andando as popas iam balançando, bacana! pra lá e pra cá; hoje, mulher não anda de salto alto nem de meia, ninguém requebra mais. O senhor já reparou? Mulher hoje é tudo sem bunda, só andam de tênis. Eles têm um filho bicha, o Nezinha, só ocê, o senhor vendo. Dentro de casa ele só anda de vestido decotado, calcinhas, sutiã e tudo mais, uma bichona completa. Dizem que é assim desde

menino. A turma ia jogar bola e roubar manga na casa do vizinho e o bichoso ia brincar de boneca com as meninas do lado. Dizem também que a mãe incentivava o veadinho, dava pra ele paninho pra bordar, fazia trancinhas no sacana. Vê se pode? Não sei não, uns dizem que aprendem, outros dizem que tá no sangue, genético. Sabe como é, né? Já passou na televisão, eu vi. Ele tinha um parente que era meio desmunhecado, vai ver que puxou a veadagem dele. Agora o Nezinha anda meio chupado, magro paca, e ainda apareceu todo cheio de feridas, dizem que está com Aids. Só pode, porque ele anda com uma turma da pesada que, além da sacanagem, pega firme numa droga. Dizem que tá rolando pico na veia, essas coisas. Maconha já era. Eu não sei não, o Rosicler aceita bem, parece que nem liga ou que tá conformado, sei lá; ele trabalha no serviço público; eu não, se eu tivesse um filho veado eu pegava o sem-vergonha de porrada, dava nele até matar; ou vira macho ou apanha, pô! Que negócio é esse, pô?! O senhor não concorda comigo?

Naquela terceira casa mora o Dr. Osmundo. É o maior agiota da cidade. Maior do que ele só o Fagundes... E os bancos, né? E o cara é advogado, sabe como manobrar as coisas. Com ele é dez por cento adiantado e boa garantia. Ééé! o camarada tem que ter um carro, uma casa, um sítio e se o cara não pagar ele toma na marra qualquer coisa. E com ele não tem esse negócio de inflação; é dólar, o cálculo é sempre em dólar; ele tá sempre atualizado. Uma vez ele emprestou uma grana prum cara aí, a gente não devia falar não, mas todo mundo sabe que foi pro Juvenal Colombo. Conheceu ele? O sujeito tava bem, fazia grandes negócios, vendia e comprava adoidado; aliás, ele pegava dinheiro dos outros nem sei pra quê, ele é que devia tá emprestando de tanto que tinha. Só sei que ele deu um passo maior do que a perna e se encalacrou. Não sei se tinha mulher no meio da história porque o senhor sabe, quando tem mulher no embrulho o nego se afunda mesmo; mas eu não sei se tinha

ou não, acho que não, a turma nunca falou nada. Você precisava ver o Dr. Osmundo, que era amigo do Colombo, todo cheio de educação e reverências, ele carrega andor na procissão e acho que ele era padrinho dum filho dele; não teve conversa, meu velho, pegou ele ali na rua de porrada, mas porrada mesmo, meu velho, não quis nem saber, bateu nele com um cabo de aço. Já pensou? O Colombo foi pra cama, sumiu, não saía mais de casa e passou um mês, rapaz, o cara morreu. Deixou um bocado de nego aí lambendo embira. A família não dava notícia de nada; aliás é sempre assim, quando a maré tá boa todo mundo aparece, veste boas roupas, come do bom e do melhor; mas quando a situação tá preta ninguém sabe de nada. Só sei que quem tinha dinheiro com o Juvenal Colombo se fodeu. O Dr. Osmundo deve ter recebido alguma coisa ou quase tudo e mais um pouquinho porque a casa que era do Juvenal já foi pro beleléu há muito tempo. Eu é que arrumei a papelada toda e lembro que tinha uma promessa de compra e venda quitada pro Dr. Osmundo. O resto se fodeu. A família do Juvenal se mudou pra São Paulo, sumiu do mapa. Dizem que, uma vez, o Dr. Osmundo emprestou dinheiro pro Zé Galhada. O senhor conhece ele? E quando chegou na hora de pagar ele não tinha. Dizem, eu... não... es-tou... fa-lan-do... na-da, dizem que a dívida ficou por conta duma trepada na mulher do Zé, que era gostosa paca. Foi quando ele adquiriu o apelido. Mas isso são as más línguas que falam. Eles falam porque o Dr. Osmundo é comedor, tretou e relou ele não perdoa. Um dia, o senhor fica perto dele procê ver, toda mulher que passa, ele fala: já comi. Não! O camarada é foda! Mas eu? Não queria ser ele não. Tem muito dinheiro, mas sei lá. Vive uma vidinha muito da filha da puta. Ocê entra na casa dele, parece casa de pobre, pô, não tem nem móvel direito, parece que tão num miserê danado...

Naquela casa ali mora um camarada muito esquisito,

ele não é daqui não. Mora sozinho, é muito prosa, todo cheio de salamaleques, só anda de terno e gravata, mas é um puta dum exibicionista. De tardinha ele chega da rua, abre a janela do quarto e fica pelado. Ééé, meu caro, peladão, balançando uma bruta de todo tamanho. As filhas da Dona Felisberta gostam de olhar a almanjarra. Daqui não dá pra ver, mas dá pra ver as filhas da Dona Felisberta, ela é viúva, que é naquela casa ali. Se você chegar aqui, ali pras seis e meia, sete horas, e prestar atenção, as moças estão atrás das cortinas. Elas têm até binóculo. Acho que de vez em quando elas convidam outras porque o movimento é grande. E ó... — e fez um gesto ilustrativo...

Naquela casa, mais embaixo, mora o Dr. Bardufo, bom médico. Opera muito bem. Opera até bem demais, é chegar no hospital e ó... faça. Dizem que na época do INPS ele fez três operações de apêndice numa mesma mulher, agora tem o SUS. Aí já é sacanagem da turma, dizem que na terceira operação, aproveitou e tirou a próstata também. Mas aí já é sacanagem demais, ha! ha! ha!... Essa turma fala paca... Ele é irmão do Dr. Ralfo. Esse era conhecido! Uma vez, diz que tinha uma mulher passando muito mal, e chamaram o Dr. Ralfo. Quando ela soube, ela falou com a voz fraca: *Tou morta*. Dizem que ele chegou e falou todo animado: *Isso não é nada, Dona Catarina, vou lhe aplicar uma injeção e a senhora vai descansar*. A velha tá descansando até hoje. Mas a turma fala paca, não perdoa!...

Pegado com o Dr. Bardufo, moram uns pretinhos. Tem uns oito, cada tição mais feio do que o outro, tudo filho do Zé Tiziu. Ele é pedreiro e não deve ficar muito tempo aqui no bairro, sabe como é, vão chegando os bacanas, os fodidos vão caindo fora. Pedreiro é foda, faz casa pra todo mundo e mora numa merda de fazer gosto. Também, preto é tudo fodido...

É como naquela casinha lá embaixo onde mora a Gra-ziela. Ela ainda tá lá porque tem muita gente boa que

segura a barra dela. Ela recebe homem e já teve vizinho que se queixou na polícia por causa dos filhos pequenos. Mas o delegado, eu já vendi um lote pra ele, me contou que quem deu a queixa foi um tal de Jurandir. Acontece que esse tal de Jurandir quis comer a Graziela, eu sei porque foi ela quem me contou, e ela não quis dar. Aí, ocê já viu, não é mesmo? Não tem nada com filho pequeno, pô! O cara ficou foi puto da vida de ser refugado. Até eu, se fosse ela, refugava um bexiguento daquele, o cara é asqueroso, pô. É uma situação complicada, o senhor não acha? Afinal a pomba é dela e ela dá pra quem ela quiser. Eu acho assim; a zona acabou, mas a putada tem que se virar. Ééé, mas ela não dura aqui no bairro por muito tempo, ela é discreta, mas todo o mundo sabe que ela gosta de fazer caridade e aí fica chato, o senhor não acha? Outro dia foi engraçado, me contaram que teve uma festa na casa do Dr. Bardufo e tá que chegam os convidados, só gente da alta; aí, meu velho, sabe quem que tava saindo da casa da Graziela? O Prefeito! Dizem que ele tentou escamotear, mas quenhé que não conhece o carro dele? Meia hora depois voltou com a esposa pra festa do Dr. Bardufo com a maior cara de pau. Era como se ele nunca tivesse ido naquela rua. Essa turma não presta, é uma turma foda...

Ali é a casa do Seu Gedeão. Ele é UDN até hoje, mas já foi integralista, que eu nem sei bem direito o que que é isso. Só fala num tal de Brigadeiro e só anda de camisa verde-periquito. Vive dizendo que pra arrumar esse país só o Brigadeiro e o Lacerda. Eu já vi falar desse tal de Brigadeiro, do Lacerda eu lembro bem, mas acho que ninguém dá mais bola pra ele. Morreu, meu velho? Sífu. Aliás, eu não gosto de política. Não sei se o senhor gosta, é tudo uma cachorrada que só quer saber de encher os bolsos. Olha esses deputados que tem aí. O que que eles já fizeram pra cá? Absolutamente nada. E o prefeito? Nossa! Esse então! Entrou com uma mão na frente e a outra oh! no bolso... Ou

então na bunda da Graziela, ha! ha! ha!... Dia de eleição eu vou lá na minha seção, anulo meu voto e vou pescar. Escrevo cada sacanagem na cédula, o senhor precisava ver, não quero nem saber! Meu voto é que eles não levam. Eu? Votar em safado? Eu não! Hã, e uma vez quiseram me pegar pra mesário, vê só! Eu! Fui no juiz e falei rasgado: Meritíssimo, eu vendo imóveis todo dia, no feriado então é que é o quente e o senhor vai tirar o pão dos meus filhos? Não deu outra, ele me dispensou na hora. Também já fiz muito negócio bom pra ele, e sei duns casos dele aí, pô, inclusive, daqui desta janela, eu já vi ele entrando na casa da Graziela...

Ali é a casa do Barrela. Ele foi gerente de banco, chegou novo na cidade, ajuntou com uma turma foda. Tava emprestando dinheiro do banco por fora. Quando chegou a fiscalização descobriram um rombo de todo tamanho. Já viu, né? Pé na bunda do safado. Tava mamando no paralelo com o dinheiro do banco. Já pensou? Não sei comé que ele ainda tá por aqui, vivendo *a la gordaça*, a casa dele é um espetáculo, rapaz, tem até piscina. Isso é o que eu não entendo, pô, o cara tinha é que tá na cadeia...

Ali na curva, naquele casão, mora o Dr. Horácio. É médico também. Casado com a Dona Rebeca. Vieram de fora, acho que foi de Santa Catarina. Casalzinho novo, uma gracinha. A mulher é um doce, lourinha, professora de alemão, mas não tem nem um aluno. Também, quenhé que vai querer aprender alemão aqui, pô? Tem cada uma!...

Aquela lá, tá vendo o telhado mais alto, é do Sarmento. O negócio dele é o carteadado, e ó, jogo alto. Já ferrou uns quatro aí que eu sei. Deixou os cara de tanga, tomou carro, casa, essas coisas. E ele acerta no bicho também. Já deu um estouro na banca do Alziro que até hoje o cara não conseguiu aprumar direito...

Ali mora o Zé Pacífico com a Elzileida. Ele é funcionário de banco. Engraçado, a Elzileida tá sempre

arranjando mulher pro concunhado, um cara metido a galã de cinema antigo. Ela é jeitosa, arranja um jogo de buraco, uma festinha, escreve bilhetinhos, telefona, passa trote no marido e ela sabe estudar o ponto fraco, de repente, o Oswaldo tá comendo. Essas mulheres que ficam falando mal do marido em cabeleireiro, que o cara tá brocha, que só dá uma por ano, sabe comé, né? Agora, tem uma coisa, tem que ser mais velha do que ele, coroa, coroa e casada. Moça nova e solteira, ele nem quer saber. O último caso dele foi com a Mercedes, casada com o Figueira. A concunhada arranjou tudo, o Oswaldo só apareceu na hora H. Ih, rapaz, foi uma confusão, o Figueira botou a mulher pra fora, a família toda entrou no rolo, o senhor não ouviu falar não? A turma toda sabe disso... Esse mundo tem cada coisa! Já pensou? O cara fica em casa, tomando uma cervejinha gelada, e a concunhada percorrendo a praça, garimpando uma coroa pro sem-vergonha, vê se pode?!

Ali tem um lote vago, o dono é de São Paulo. É o Dr. Pedro, da Ferrovia do Aço. Eu tenho o endereço dele, telefone, CEP, CPF, tudo direitinho, se o senhor quiser eu falo com ele. Ali dá pra fazer uma mansão e ele deve vender barato. Ele nem sabe se tem esse lote, ele tem uma grana preta. Já pensou? O lugar é nobre, só tem vizinho bacana, e aqui tem uma vantagem, doutor, aqui o senhor pode construir uma casa moderna com uns basculantes bem no jeito, garagem, porta de vidro, essas coisas mais. Já pensou? Bota um telhadão bacana com aqueles telhões de amianto, fica um espetáculo! O senhor já viu algum? Ali na virada tem uma casa assim. Lá em baixo é foda, tem o patrimônio pra encher o saco. Eu, por mim, passava o trator naquela velharia e construía uma porção de edifícios. O povo quer progresso, o senhor não acha? Agora, ficar conservando casa velha pra quê? Não consigo entender o que que aqueles putos do patrimônio têm dentro da cabeça, pô. Quem gosta de velharia é reumatismo. É ou não é? Teve um padre aí que

não teve história, derrubou uma igreja caindo os pedaços e construiu outra. Espetacular! Toda revestida de pastilha, não gasta nem pintura, pô! Ééé, mas pra fazer uma coisa dessa precisa ser peitudo e ter culhão. Esse padre é foda, não quis nem saber, dizem que ele enfrentou uma barra danada com essa turma do patrimônio, mas... E daí? Depois, tem uma coisa, vai lá agora procê ver que coisa do peru, ele trocou aqueles santos pestilentos por cada imagem colorida de cair o queixo, tudo novinho em folha, dá gosto uma coisa assim. O povo quer progresso, chega de velharia, o senhor não acha? Eu acho que o senhor é dos meus, não é à toa que o senhor tá querendo sair lá de baixo. Tou te manjando, meu velho, tá na cara que o doutor é progressista. Hã, hã! Eu conheço quando o cara é de visão... Eu só faço negócio com gente que pode. Tem uns fodido aí que só querem entrar nas casas pra ver e sair comentando. Agora eu tô travando. Fico de olho, se for merda, eu empurro com a barriga, falo que não estou com a chave. Sabe como é, né? Perder meu tempo? Eu? Tenho mais o que fazer, pô. Tem gente que só quer ficar no tititi... Madame então?! Como falam da vida alheia! Olham, olham, põem defeito em tudo, criticam o tamanho dos quartos, da cozinha, do banheiro... Se o quarto é pequeno elas falam: *Não cabe nem a minha cama de jacarandá...* Se o quarto é grande: *Ih! parece uma sala, onde é que eu vou arrumar tantos móveis para encher essa monstruosidade!?* É um saco lidar com madame e pode ver que é sempre gente que veio de baixo, gente que morava amontoada numa meia água, casam com doutor e ficam importantes. Eu posso ter perdido o negócio, mas foi o que eu falei pra filha do Dorival Porteiro. Eu ainda chamei ela de dona, falei assim, dona Trifosa, depois é que eu vim saber que Trifosa significa deliciosa, a senhora, chamei ela de senhora, a senhora morava num cochichó, dormia amontoada com meia dúzia de irmãos, tudo misturado, e agora está botando defeito nesta casa?... É, meu velho, estou falando porque vi,

porque já fui na casa do Dorival Porteiro. Tinha um quartinho com três beliches e a Trifosa dormia perto do teto, no terceiro andar, e agora quis tirar onda pra cima de mim, dizendo que a casa não é boa. E ainda veio com essa: *A casa não é compatível com a posição do Wilfredo*. Ele pode até ser, eu não conheço ele, é médico do hospital, não sei onde que ele morava... Mas ela?! Trifosinha muito do pé-rapado, muito da galinha que sarrava com todo mundo, passava a angu com couve e agora quer arrotar lombo, tirando onda pra cima de mim. Escuta só: *A casa não é compatível...* Vá tomar dentro, pô! Vê se pode?! Falei mesmo. Eu trato todo mundo numa boa, só negocio com gente que tem, só pego corretagem de primeira, mas não vem pondo defeito onde não tem porque aí vai ter que escutar. Eu falo mesmo e se souber a procedência da madame, aí é que eu caio de pau, igual eu fiz com a Trifosuda. Ela ficou foi puta da vida, eu sei, mas e daí? Era fodida mesmo! E o Dorival ainda quis tirar satisfação comigo. Eu só falei assim, ô Dorival, pra cima de mim, pô, eu te conheço do outro carnaval, você não vai querer que eu conte por aí as muambas que ocê faz na portaria do clube. Vai? Aí ele se mancou. Eu sei que ele põe nego sem ingresso pra dentro e embolsa o dinheiro. Tou falando porque eu mesmo já corri grana por fora. Quando tem show, então, eu entro fácil, sem fila, sem nada, vou passando numa boa... Acabei vendendo a casa pro Dr. Porchat, que é gente finíssima que veio de Petrópolis. Aquilo sim que é gente de primeira. Rapaz, o homem tem uma quantidade de livros que o senhor nem imagina. E comé que a casa não era compatível, ele também não é médico do hospital? E a esposa dele, a dona Danes, que já era filha de gente rica, não falou nada de casa compatível, achou foi muito é bom. Não sei se o doutor concorda comigo, mas a gente tem um porém. Esse negócio que o cliente tem sempre razão é conversa pra boi dormir. Uns têm, outros não. O senhor não acha?...

Naquela casa, a última da rua, mora o tenente Marçapão. É apelido, eu não sei direito o nome dele não. Foi da FEB, mas dizem que não deu um puto dum tiro. Na época de ir pra Itália, eles contam que ele deu uma de doido pra ver se escapulia. Dizem que o diagnóstico dos médicos era simples, só dispensavam quem rasgasse dinheiro, quem bebesse água fervendo ou quem comesse cocô. O Marçapão, como não tinha dinheiro pra rasgar e não bebeu água fervendo, ocê já viu o que que ele teve de fazer, não é mesmo? Arranjou umas testemunhas e, dizem, eu... não... estou... fa-lan-do... na-da, que na hora do almoço, ele apareceu na sala de jantar, com um penico na mão e comendo de colher, ha! ha! ha!.., igual sorvete de chocolate e ainda botou um camisolão comprido, ha! ha! ha!... Quando é dia de parada, ele desfila cheio de medalhas no peito... A turma é foda, eles sabem cada coisa! Ele deve ter posto um açucarzinho ou uma canela porque, puro? Vou te contar, não é mole não! Mole até que deve ser, mas deve ter sido muito duro, já pensou? E o senhor não sabe do pior, não dispensaram ele não, botaram ele no rancho, só ficava na retaguarda, por isso é que o filho da puta não deu nem um tiro, acho que nem fuzil ele tinha, pô...

Atrás daquele lote que eu mostrei pro senhor mora o Macário com a Doroteia. A casa dá pra rua de lá. Dizem que estão separando, já nem dormem no mesmo quarto. A gente sabe porque a empregada deles é muito amiga da empregada da casa do meu cunhado e, outro dia, ela tava contando as brigas dos dois. Também é voz corrente. Dizem que o negócio teve feio... Se vai separar, por que não separam logo, o senhor não acha? Agora, essa de ficar dormindo em quarto separado é uma frescura, pô. Eu penso assim, se fosse comigo eu metia era o pé na bunda da Doroteia. Rua!

Aquela ali tá fechada, não sei se vão alugar ou vender. A corretagem não tá comigo, passaram prum colega meu que me deu as dicas. A casa é do Dr. Fulgêncio, casado

com a Filomena. Ele saiu de casa e foi morar no hotel. Dizem que ele pegou a mulher na cama com uma sapatona. Se fosse com homem, vá lá, pô, é da natureza. Já pensou, o cara, duma hora pra outra, virá corno de sapata? Bem, é o que eles falam, se pegou mesmo ninguém sabe; agora, que ele foi pro hotel, foi; e a Filó tá morando lá em baixo e vive com a casa cheia de mulher, quer dizer, umas aí, manjadas na praça...

Daqui dá pra ver a casa do Dr. Sidônio, lá longe — falando só para si — o sacana me deve uma corretagem... — voltando a falar com a intensidade normal — o camarada não paga ninguém, pô, receber é com ele mesmo. Entra no consultório dele procê ver, a primeira palavra da secretária é cinquentinha, não dá nem bom dia... E não paga não procê ver se tem consulta, você pode tá morrendo que sem os cinquenta pau ele não atende mesmo... A gente, não, faz o negócio, vende o terreno, como vendi pra ele, pede a avaliação, enfrenta esses sacanas do Estado, paga os impostos, passa a escritura, registra, quem não registra não é dono, o senhor já sabia, né? Dá gorjeta pra todo mundo, aí o cara vem e fala: *Depois a gente acerta...* E tem gente que pensa que o supermercado me vende de graça, que eu não tenho filhos e esposa pra sustentar, pô... Entra lá no *Leve Mais*, enche um carrinho daqueles bem grandes com bastante cerveja, passe na caixa e diga, depois a gente acerta, vai, diga, depois a gente acerta... Eles é que acabam te acertando uma paulada na moleira...

Lá naquela baixada, o senhor tá vendo lá aquelas marcas, tudo marrom, se eles quiserem vender alguma casa lá pro senhor, não há de ser comigo, num aceita fazer negócio não; se eles quiserem dar de graça, o senhor diz que não quer, diz que vai pensar, muito obrigado, essas coisas, mas não aceita não. É fria. O rio quando enche põe água dentro das casas, um metro, um metro e meio, por aí. Tou falando à toa porque tou vendo que o senhor é gente que

pode e não vai querer casa naquele lugar. Lá só mora fodido. A prefeitura deu muito terreno lá, os camaradas fizeram as casas e quando dá enchente, é nego em cima do telhado, saindo de barco, o senhor sabe como é, né? Eu acho que a cambada gosta de aparecer na televisão pra dizer que perdeu tudo. O prefeito então não perde a chance, diz que é calamidade pública, arranja umas verbas e é aí que ele se faz. Ano passado foi a mesma coisa. Só sei, meu velho, que depois da enchente o prefeito apareceu com um importadão que não era mole, todo cheio de computador. Eu mesmo dei uma volta com ele e fiquei impressionado, o carro só falta falar. Não! Falar, não! Falar ele fala, tem hora que aparece uma vozinha de japonesa mandando botar o cinto de segurança, diz que a porta tá aberta, só que ela fala inglês, é um barato! Ele fez uma porção de teste preu ver, um barato! E o sacana do prefeito sabe inglês paca, ele fala assim igual a gente tá falando português, eu já vi ele falando inglês no telefone, acho que era com a embaixada, sei lá... Lá no nordeste eles não contam que tinha aquele negócio de seca? Aqui tem o negócio das águas. O prefeito é que sabe, mas ele é gente boa, é safado igual os outros, mas pelo menos é danado de mão aberta. Ele é que segura a barra da Graziela, senão ela tava fufu. Uma vez ele me deu uma corretagem de dez por cento, numa boa, eu nem pedi nada, queria os meus cinco, ah! isso eu queria e não abro mão, e acabei levando dez. Já viu, né? De graça, meu velho, só não quero terreno na baixada. Isso eu não quero não. Eu? Pagar imposto pra água levar tudo? Só mesmo babaca ou fodido. Tem muito babaca que comprou casa de campo naquelas beiradas, achando que tava levando vantagem e sífu. Fodido é fodido, não tem escolha. Ou o cara mora na beira do rio pra se foder na enchente ou é no desbarrancado pra se foder no deslizamento. Alá, ó, no alto da serra, tá vendo aqueles escorridos? Aquilo é deslizamento... Eu conheço o Mansueto. Eu quis vender pra ele um terreno jóia, dava pra

fazer um casão, tinha água com fartura, água de mina, e o sacana acabou comprando um sítio lá perto do rio e ainda veio me gozar, dizendo que meu preço tava salgado. Isso tem uns quatro anos. O cara veio de fora não conhecia as manhas, construiu bem na beirada do rio e disse que tava pescando da varanda da casa dele. Esse ano ele viu. Deve ter pescado dentro do quarto e fígado a bunda da mulher dele, outra babaca que só ficava falando: *Tá muito caro, Mansu moamor, tá muito caro, Mansu moamor, compra lá perto do rio que é a metade do preço.* Babaca. Sífu...

Aqui do alto é engraçado, a gente vê as casas lá em baixo e é tudo a mesma coisa: paredes, telhados, jardins e quintais... Tudo quietinho, uma beleza, mas dentro delas tá sempre rolando uma sacanagem. Não sei comé que a turma fica sabendo, mas que eles falam, falam... Eu, graças a Deus, não gosto de falar da vida alheia não porque lá em casa também de vez em quando o pau quebra. Comigo é assim, eu gosto de horário, a mocinha tem que chegar às nove, no máximo nove e meia, os mocinhos, eu tenho dois, podem ficar na rua até às dez. Passou daí é no pescoção, já vai entrando e apanhando. Ééé, meu velho, hoje em dia não tá fácil criar filho não. Se a gente afrouxar vira essa baderna que tá por aí, é gente casando grávida às pampas e gente metida com esse negócio de drogas... De 64 a 70 e pouco não tinha essa avacalhação, aquilo é que foi tempo bom, não sei se o senhor concorda, mas que foi, foi, era tudo na linha, na linha reta... Olha, se aparecesse outro general porreta, eu tava aí pra ajudar. Esse negócio de democracia é papo furado, o senhor não acha? Tem que ter é um cabra-macho mandando e a cambada obedecendo... Naquele tempo eu mandei muito nego pro xadrez. Era fácil, era só ir lá no quartel e falar com o oficial de dia, dali a pouco a viatura tava chegando com o comuna. Tinha uns que não eram porra nenhuma, mas a gente dedava de sacanagem, só pra ver o babaca enrolado. Depois eu até ganhei um diploma do

exército e fiquei amigão de tudo quanto era coronel... Aquilo lá dentro é bacana, tudo arrumadinho... Já peguei cada almoço do cacete, com cerveja e tudo mais... Agora eu não tenho ido mais lá não, eles tão meio... O senhor já quer descer? Então vamos, o senhor manda e não pede, desculpe qualquer coisa, a gente fala muito, não é mesmo? O senhor pensa lá e me dá uma resposta até amanhã, e ó, desculpe qualquer coisa, não leve a mal as brincadeiras...

Patrocínio foi andando na frente para abrir a porta do automóvel. Bernardino olhou atentamente o corretor, de costas: o cabelo ralo permitia que sua nuca fosse enorme, avermelhada de sol. Os ombros um pouco caídos lembravam um passarinho apedrejado, andava depressa e balançava o braço direito mais do que o esquerdo. Os saltos dos sapatos, mais gastos do lado de fora, davam acabamento à geometria das pernas, ligeiramente arqueadas. Bernardino sentiu um travo na garganta, conteve-se para não chorar, passou disfarçadamente o lenço nos olhos para enxugar as primeiras lágrimas que já vinham descendo e teve muita pena do corretor de imóveis.

31.01.1997